



Verso & Poesia (2010 – 2020)
Antologia Poética

Marlon Bionaz

2020

Verso & Poesia (2010 – 2020)

Antologia Poética

Marlon Bionaz

Verso & Poesia (2010 – 2020)

Antologia Poética



Arte, pesquisa e diagramação

Marlon Bionaz

Cooperação

Neimar Bionaz

BIONAZ, Marlon

Verso & Poesia (2010 – 2020) Antologia Poética / Marlon Bionaz. – La Maddalena, 2020.
IV, 103 f.: 29 cm.

1. Poesia - Coletânea. 2. Micronacionalismo. I. Título.

2020

Todos os direitos desta edição reservados à

INSTITUTO CULTURA VICENZO BELLINI - ICVB

Sumário 5

Prefácio – Marlon Bionaz 8

Jailson Santos Bionaz 10

Solidão 11

Deusa Grega 12

Laços 13

Uma vida que é sua 14

As lágrimas da alma 15

Almas sedentas 16

Dilema 17

Frágil 20

Procuras 21

Lágrimas da incerteza 22

Marli Bionaz 27

A chuva / Sonho... 28

Sua Graça Felipe Bionaz, Barão d'Aosta 29

Pai 30

Vida / O Essencial / Coração Maltratado 31

Chamo-te / Liberdade 32

Amor Perfeito / O pior sentimento / Material, espiritual / Conquistas 33

Paciências / Cansei... / Olhe a sua volta 34

Mãe 35

Poema sem título (11 jan 2014) 36

Ser Humano 37

Três sonetos 38

Morrendo: A Progeniê 38

Morrendo: A Liberação 39

Morrendo: O Inexpugnável 40

Macro Escuridão 41

Espalhando-se na Morte 42

Dores de Amor Glorioso 43

O Inverno está Chegando 44

As Indecisões da Loucura 45

Devaneio de um Pobre Andejo 46

O Som do Silêncio 47

Um mar de sofrimento 48

Abismo 49

Sua Alteza Líryan Lourdes Kawsttryänny Umbria, Duquesa d'Avola 50

Se espera	51
Cansada desta vida em prosa	52
Fatigada deste tempo e desta vida	53
Pelo ar	54
Em um canto	55
Poema sem título (25 Out 2013)	56
Poema sem título (15 Dez 2013)	57
Poema sem título (29 Ago 2014)	58
Poema sem título (15 Ago 2015)	59
O uivo	60

Sua Alteza Neimar Bionaz, Príncipe de Treviso 61

Se a vida fosse um sonho...	62
O amor é inesgotável	63
O teu amor é meu abrigo	64
Sonhar	65
Eu e a noite	66
A Vida / Meu Deus! O que será de nós?! / Improviso	67

Sua Graça Marlon Bionaz, Conde de Assis, cooperação de Sua Alteza Neimar Bionaz 68

Bolha de sabão / Primavera	69
A bebida	70
Poema da felicidade frustrada	71
Cantiga de Amor	72
Doce, doces	73
Canção do futuro	74
Teu calor, minha luz	75
Sonhos	76
Diálogo no Limbo	77
Estrela cadente	78
Despedida – 2013	79

Escobar Falcomer Bórgia, Raphael Soares Aldobrandeschi e Victor Marinho Aldobrandeschi 80

Bandido com espinhas - Escobar Falcomer Borgia	81
Amor e decepção? Um poema faço então! - Raphael Soares Aldobrandeschi	82
Em um mundo com problemas - Victor Marinho Aldobrandeschi	83

Leonardo Borgia 84

Alienação 85

À Drummond 86

Saco de Valpúrgis 87

A Horda d'Oriente 88

Sonho Corvino 89

Nocturno Tempestuoso 90

O mais doce enjoo da vida 91

O poeta Maiakovski 92

O Freud / As Três Senhoras do Sofrer 93

As minhas Quimeras 94

Os Brados do Povo 95

O Poeta de Pau d'Arco 96

Cesare Borgia e Aghata Borgia 97

E o passeio? - Aghata Borgia 98

Poema sem título (27 de Set 2015) - Cesare Borgia 99

pioggia - Aghata Borgia 100

O único contato que resta - Cesare Borgia 101

Sua Graça Lucas Bionaz, Conde de Lecce, cooperação Sua Alteza Neimar Bionaz 102

IO AMO LE ROSE 103

Prefácio

Luis García Montero, poeta contemporâneo espanhol e atual presidente do importante Instituto Cervantes, declarou: "A poesia é um ajuste de contas com a realidade". Particularmente, sou adepto desta visão e por isso desde muito cedo, ainda na infância e em meus contatos com a música da minha fé, me entendia muito bem com este gênero literário.

É impossível encontrar uma civilização sequer que não tenha dedicado um espaço para a composição de poemas que cristalizavam na memória daquele povo sua realidade, transformada em canção. Posteriormente, com a ascensão da escrita, a forma do texto espalhado por escrito deu novas dimensões à poesia, que rompe com o lirismo puro e se expande para abarcar um conjunto ainda mais amplo de linguagem.

Desde 17 de Novembro de 2002 o Reino da Itália existe como projeto de micronação e ao longo destes anos estabeleceu verdadeiramente o propósito de simular e vivenciar uma civilização própria, virtual. Dezenas de projetos de micronação tão bem elaborados e com tanta gente de qualidade envolvida quanto a Itália, surgiram na lusofonia ao longo deste período, com vários destes até hoje ativos e pujantes em atividade e desenvolvimento de cultura própria, mas em nenhum deles se desenvolveu um projeto de cultura com a profundidade e continuidade do *Verso & Poesia* do Reino da Itália.

Em 20 de junho de 2010, Marli Bionaz e Felipe Bionaz, mãe e filho, conversando a respeito dos gostos em comum, decidem dedicar no fórum nacional um espaço para a publicação de poesias de autoria própria e prediletos de outros autores. Nascia o *Verso & Poesia* que atraí postagens até hoje.

Pode-se dividi-lo em duas fases: A primeira, que começa em 2010 e vai até meados de 2013 concentrava os poemas num site criado e mantido por Marli Bionaz. Todos que quisessem participar podiam enviar para o email do projeto sugestões de autores e poemas de próprio cunho. Nesta fase a família Bionaz comprou o projeto, e quase todo Bionaz participou enviando poemas ou pedindo por poetas. A segunda fase começa em 2013, quando a própria Marli se torna menos frequente na vida italiana. Nesta nova fase, SMR Louis-Philippe II, rei da França e grande amigo da Itália, continuou fazendo postagens de poetas de sua preferência, atraindo novos italianos para se inteirarem do projeto e passarem a criar e postar seus próprios poemas no fórum. Nesta fase a família Borgia, que não ainda não existia em 2010, também adere grandemente ao projeto.

Nesta antologia pretendo homenagear meus parentes, Marli e Felipe, que dez anos atrás deram início a este projeto. Também quero guardar para a posteridade as obras de pessoas que passaram pela história italiana e que, a sua maneira, como

estrelas, brilharam por um momento e deixaram um fragmento dessa luz no nosso fórum, o chão da realidade virtual que vivemos no micronacionalismo.

Na diagramação deste livro busquei manter o mais próximo possível das postagens no site *Verso & Poesia* e no fórum italiano, alterando apenas a disposição do texto, uma vez que aqui tomei uma padronização que visa a melhor experiência de leitura. Alguns poemas e autores foram agrupados para facilitar a formatação do texto. Não tenho qualquer intenção de roubar a obra de qualquer um dos que são citados aqui, e foquei em apresentá-los de forma sucinta para contextualização. Também faço um pequeno parágrafo onde comento rapidamente sobre o aspecto formal dos poemas, sem a pretensão de fazer uma análise crítica.

Caso qualquer um dos citados nesta antologia quiser retirar os textos da obra peça que entre em contato comigo no fórum italiano ou pelas minhas redes sociais, facilmente encontráveis no Reino da Itália, mas considerarei que uma vez postada publicamente no fórum, ou no site de minha tia, não haveria qualquer problema quanto a isso.

Jailson Santos Bionaz

Jailson Santos chegou ao Reino da Itália em junho de 2010, sendo recebido como filho por Josivaldo Herrera Bionaz, primeiro patriarca da família Bionaz no âmbito micronacional. Sua atividade no reino ficou concentrada na cooperação para o periódico *Verso & Poesia*.

Quando se tornou italiano já era um escritor consagrado por várias instâncias culturais, nacionais e internacionais, e com uma extensa obra literária publicada, entre prosa, poesia e ensaios acadêmicos, além do reconhecimento como um artista plástico, habilidoso em escultura.

Nos poemas que enviou ao *Verso & Poesia* se percebe um eu-lírico que bebe muito na própria biografia do poeta, com referências a experiências e vivências que podem ser facilmente encontradas nas publicações do próprio autor pela internet, de sua formação acadêmica e artística. Os temas giram principalmente em torno de um indivíduo que encontra, na poesia, uma forma de lidar com as frustrações sentimentais que são nostálgicas ou sufocantes no presente. Seus versos, na maior parte do tempo, seguem em estilo livre que permite uma leitura fluida e sem grandes dificuldades mesmo quando opta por manter um léxico de alto nível.

Solidão

Você vem quando menos te quero aqui
Invade meu coração sem bater a porta que nele existe
Com lágrimas nos olhos, desesperadamente eu já pedi
Que me deixes, que vá embora, mas você insiste.

Queria ser mais forte para te expulsar daqui
É impossível não acreditar que você ainda existe
Queria tanto vê-la partir
É você, sim, é você que me faz ser triste.

Vou contar-lhe um segredo antes que minh'alma seja morta
É por sua causa que minh'alma chora
Você me punge, me ensanguenta e me corta.

E como se não bastasse sofregamente me devora.
Solidão, abra esta porta
E por favor, vá embora!

Deusa Grega

Por que tanta resistência?
Às vezes te olho nervoso...
Pois é tamanha a incoerência
De ignorar o meu olhar choroso.

Passam os anos e minh'alma segue na insistência
De que tu me surgirás de repente como um anjo bondoso.
Eu abro mão da minha existência
Para sentir o teu beijo gostoso.

Calientar-me nesta noite de frio
Por ode andas? És nômade? És cigana?
Penso em ti e sinto arrepios

Deusa grega, musa insana
A minha vida está por um fio
Vem depressa e diz que me ama!

Laços

Minha esperança seja qual for está perdida
Enlouquecido escutei a voz do coração
Mergulhei numa paixão proibida
E hoje com os olhos molhados me peço perdão
Por sofrer em vão
Lamento por ter vivido uma grande ilusão
Por ter colocado você em meu pensamento
Restaram-me apenas receios
Para preencher os vagos espaços
Dos meus inúteis anseios
Frágeis, tão frágeis que caíram aos pedaços.

Tão de repente em teus braços
Senti o meu peito ser cortado
Tentei prender-me em teus laços
Mas o meu sangue correu desatado
Meu amor tão simples e ensangüentado
Pela lembrança dos teus beijos
Esvaiu-se tão desesperado
Que não pude conter meus desejos
Hoje enxugo as lágrimas que chorei
Tento encher novamente o meu peito oco
Lembrando-me do muito que te amei
Pouco a pouco.

Uma vida que é sua

Eu sou aquele que chora e ninguém vê

Pois nas longas noites soluço às escondidas
Com enormes ânsias de morrer
Sentindo o peito latejar com a dor das feridas.

Esta noite chorei até perder os sentidos
E sem que ninguém pudesse perceber
De repente voltei a mim pensando que tu escutarias os meus gemidos
E virias me acolher.

Decepcionado saí pelas ruas chorando
Carregando na cabeça uma coroa de acantos
Os sabiás que me viram emudeceram os seus cantos
Passam as décadas e continuo te procurando

Mas se porventura decidires encontrar a minha alma
que te procura louca, louca.
De amor, chorando pela deserta rua
Beije-me desesperadamente a boca
E sinta em teu peito o bater de um coração que sempre foi teu
e o amor de uma vida que sempre foi sua.

As lágrimas da alma

Ontem despertei de madrugada
Com as lágrimas caindo dentro de mim
Era a minh'alma que em meu corpo chorava calada
Porque meu Deus eu tenho de sofrer tanto assim?

Quando eu despertei perplexo e sem saber de nada
Com uma tristeza maciça e sem fim
Senti a minha alma vazia e abandonada
Debruçando-se numa mesa de marfim

Às vezes saio a esmo contemplando o vago
E deparo-me contigo tentando acender as chamas que apago
Sem razões para sorrir peço socorro, imploro...

Pois as tristes lágrimas que choro
Continuam perturbando a minha calma
Continuam inundando a minha alma.

Almas sedentas

Lembro-me como hoje num destes dias na Barra da Tijuca

Minh'alma saiu a te procurar
Respirando névoas de gás neón
E como se estivesse desnorçada corria maluca
Morta de anseios, sedenta para amar

A tua alma que sempre foge de mim
E se esconde nos breus das avenidas
Ó quantas vezes á luz da lua tentei evadir-me
Eu não tenho razões para existir assim
Eu preciso cicatrizar em meu peito estas feridas

Que corroem segundo por segundo os meus desejos
É um mistério singular, pois quanto mais me disfarço
Nas labaredas deste fogo que queima os meus lábios
A minha boca padece de secura pela falta dos teus beijos
E o meu peito geme solitário sem os teus abraços

Minha alegria que outrora sorria, chora de tristeza sem os teus encantos
De todo amor, de toda procura restou-me apenas um passatempo
Para consolar-me nas longas madrugadas
Ou para enxugar as lágrimas dos meus prantos
Viver tentando tirar a sua alma do meu pensamento

Ó quantas vezes nossas almas sedentas se amaram ao albor da aurora
Ó quantas vezes elas foram se fartaram de desejos que nasciam de repente
Hoje só restam marcas de você
Vivo sem consolo desde o dia em que você foi embora
Mas tenho a plena certeza: Ninguém irá amá-la como eu te amei desesperadamente

Só Deus conhece a minh'alma sedenta e todo o seu segredo
Às vezes quero voltar ao passado e com o coração na mão
Penso, repenso e penso outra vez...
Mas a grande verdade é que eu tenho medo
Que mesmo a minh'alma morrendo de sede de amar ouça um não!

Dilema

Ontem meu coração palpitava com um pensamento inocente
Fitei os teus olhos, porém a minha boca continuou silente.
Vinte anos se passaram e tudo está tão diferente
E nem mesmo as evidências explicam o que está acontecendo com a gente.

O vento soprou... o tempo passou...
Fomos vitimados pelas ironias
Que tão de repente nos aproximou?
Eu vivo perdido nos caminhos das poesias

Na iminência de estarmos frente a frente
E quem diria...?
Que sentimentos dormentes
Despertariam da “noite” para o “dia”.

Será um sentimento que veraneia em teu peito?
Por favor, me dê maiores explicativas.
Às vezes acostado em meu leito
Aperta-me um nó na garganta de sorte que não engulo as minhas salivas.

Às circunstâncias fazem o meu coração fibrilar despedaçado
Vez por outra me assusto com os fantasmas da solidão.
E sinto os meus lábios amargarem de pecado
Será que a minha vida está em tuas mãos?

De repente, sim! De repente eu digo...
Que este coração me traiu.
Ó como eu queria saber se posso seguir em frente sem correr perigo
Se posso adentrar por esta porta que se abriu.

Meu Deus! Por que o Cupido não me avisou?
Que eu seria golpeado por esta flecha.
A minh'alma exangue chorou...
E agora? O que me resta?

Hoje vinte anos se passaram...
E uma sensação de querer paira no ar...
Os meus pensamentos se conturbaram
De tal maneira que já nem sei em que pensar.

E ainda que eu quisesse não te querer
É algo estranho e louco...
Querer-te sem ao menos conhecer
O sentimento avassalador que cresce pouco a pouco.

A minh'alma caminha demente
Buscando respostas para tudo isto no meu inconsciente
Acerca destes pensamentos que assombram a minha mente.
Dou volta e mais voltas para no mesmo lugar e passo a amar-te desesperadamente.

Como eu poderia cantar a felicidade
Percorrer os caminhos da vida de dizer que sou feliz
Vendo segundo por segundo ser tolhida a minha liberdade
De amar pelas coisas que você me diz?

Como eu pude me entregar de repente
Sem ao menos saber tua reação
Passam os dias, os anos e você continua ausente
Reduzindo a pó o meu coração.

Num destes dias deixei-me levar por tamanha ingenuidade
E cheguei até mesmo a crê
Que você viria encontra-me com toda liberdade.
Cheguei a sonhar em você me querer.

Sinto-me como um naufrago que vive a te procurar
Os dias se passam e busco terra firme
Devolva o meu direito de amar
Liberte os meus desejos que você reprime.

Cheguei a pensar...
Que numa destas noites você viria a mim como uma princesa
Pensei...pensei e até hoje estou a esperar...
Continuo debruçado nesta mesa

Compondo, relendo os versos que você não leu...
Exteriorizando palavras...
Lamentando o amor que você não me deu
Eu já não consigo conter as lágrimas.

A minh'alma dá gritos dentro mim
E o meu exterior demonstra o meu sofrimento
Tanto tempo na esperança de ouvir um sim...
Espero tanto a tua chegada que te chamo em pensamento.

Vivo um grande dilema
De ter-lhe com o imensurável medo de perder-te
Derramo minhas lágrimas em mais um poema
Pois temo nunca mais poder ver-te

Se penso em estar contigo temo que você vá embora...
Como será de amanhã em diante se você me abandonar?
Manhã após manhã minh'alma se perturba e chora
Pois se você for tenho medo de você não voltar.

Frágil

Porque me procuras em tantos lugares?

Estou aqui nas páginas deste livro
Minha mente confusa voou pelos ares
Meu sonho quebrou-se como um caco de vidro
Onde esta você?
Perguntam-me...
Minh'alma por mais que sofra não fala
Estou aqui nestas entrelinhas sofrendo por sofrer
Minh'alma tão frágil estala
Dentro do meu corpo
Deixando-me imóvel como uma pedra
Estampando em meu rosto a dor que você me tem posto
Meu coração não resiste e se quebra.
Quando relembro o sabor dos teus beijos
Quando relembro o calor dos teus abraços

Sinto vagar por entre fagulhas os desejos
Que tentaram cicatrizar o meu peito em pedaços
Com meus pés descalços
Nesta tão sôfrega caminhada
Dei tantos passos
E hoje só me restam pegadas
Para lembrar-me da grande desilusão
Que passei
Andando perdido nos caminhos do coração
Quando desesperadamente te amei.

Procuras

Às vezes não podemos contar os momentos
Nos quais nos machucamos.

Nos deparando com um ou outro sofrimento

E quanto mais tentamos esquecer, mais lembramos...

Corro pelas sendas dos mares à procura de um amor que me dê alento
Quero perder-me em teus sonhos ao nos encontramos.
Eu busco... eu tento...
Uma forma de nos realizarmos.

Luto contra mim mesmo para não te esquecer
Fecho os meus olhos e começo a chorar.
Choro por um amor que não consegui viver

Me perdi em seus caminhos sem saber voltar
Procurando o amor que me fez sofrer
E o sofrer que me fez amar.

Lágrimas da incerteza

Ontem a incerteza me procurou
Trazendo nas mãos uma espada
Foi algo tão de repente que minh'alma chorou
Porém minha boca permaneceu calada.

Meu peito foi escancarado com a violência deste golpe
Então adentraram a saudade e a solidão
Tive desejos de fugir a galope
Mas não tinha forças para resistir esta dor em meu coração.

Passei a digladiar-me
Com estas forças opressoras
Que poderão ou não matar-me
Iludo-me tentando encontrar uma porta salvadora.

Que ajude-me a me libertar
Das angústias deste sufoco
Que vedam o meu direito de amar
Te chamo com gritos roucos.

Pois os meus gritos aflitos
Cansaram-se de clamar
Meus anseios perderam-se no infinito
E não me resta outra coisa senão chorar.

Por uma mulher que és minha deusa, minha musa inacessível.
A razão dos meus sonetos, dos meus cantos.
Digladio-me com um amor impossível
E não me canso de escrever aos prantos.

Nas entrelinhas os detalhes da minha vida
Sonhos e desejos não realizados
Existe um pedaço da minha vida
Em cada verso de prantos banhado.

Às vezes longe dos olhares amigos
Me pego a chorar à toa
Suportando a dor de muitos castigos
Por jurar amor a uma pessoa.

Que não acredita
Nas muitas loucuras que fiz
Nas palavras amenas que meu coração dita
Só para vê-la feliz.

Quando você segurou firmemente o camartelo

Jurando esculpir em meu coração o amor
Deixei-me levar pelas emoções imaginando um amor tão belo
Sem espinhos, sem decepções, sem dor.

Mas cada martelada que batia
Rachava lentamente meu peito de menino
E tão logo minh'alma morria
Sonhando que este amor pudesse ser para mim algo divino.

Inconscientemente deixei meu corpo ser talhado

Como se fora algo destinado ao corte
Como se eu estivesse pagando o preço pelos meus últimos pecados
Perdi a razão e não pude mais discernir entre o sul e o norte.

Vi meus pedaços
Espalhados no chão como se fosse pedra
Ainda assim pensei em correr para os teus braços
Mas o medo de perder-te medra.

De forma tão natural
Que continuo submetendo-me a este castigo
A esta forma de esculpir tão brutal
Minh'alma lastima-se na ânsia de estar contigo.

Perturbando o meu estado emocional

Criando em mim um desejo extraordinário
É algo tão descomunal
Que voluntariamente caminho para o calvário.

Por não saber se é amor ou loucura
O que sinto por esta musa que me surge e desaparece de minha vista
Será que sou mesmo sua escultura?
Ou tão somente o seu melhor artista?

Às vezes quero falar, mas não sei se devo
Trazer à baila a essência deste sentimento
Que surge como um detalhe em alto relevo
Desesperado te chamo com meus pensamentos.

Grito por teu nome até passar mal

Tão somente no afã de ser escutado
Deixo rolar lentamente por meu rosto lágrimas de cristal
Que são a prova de quanto estou sufocado.

Querendo gritar aos quatro ventos
Este amor que me esculpi e que está me matando
Meu Deus alivia este meu sofrimento!
Eu durmo e acordo chorando.

Quem me dera ser realmente um mármore de Carrara
Ou uma tábua de cerejeira
Eu não iria sentir este pranto frio em minha cara
Nem choraria por esta mulher a vida inteira.

Por esta musa que me fere

A ponto de matar-me
Sim, prefere
Matar-me a perder-me.

Preferes matar-me com golpes de amores
Que me deixam exangue
Não suporto mais estas dores
Já não tenho forças para ver o meu peito esvair-se em sangue.

Tento pisar em terra firme
E a cada passo cambaleio
Pois é tamanha esta dor que me oprime
Meu coração já não suporta tanto anseio.

Tento fugir de repente
Deixo declarações ao meio
E quando menos espero estou aqui novamente
Quanto mais tento evadir-me mais me enleio.

Buscando com avidez a tua imagem

Sendo massacrado por uma enorme distância
Retoco todos os dias a maquiagem
No afã de conter minha ânsia.

Guardo na lembrança
Os detalhes de tua veste
E não perco a esperança
Que venhas a mim com teu brilho celeste.

Consolar minh'alma aflita
E enxugar todas as lágrimas que chorei
Pois minh'alma geme, chora, grita...
Ao lembrar como desesperadamente te amei.

Perdendo-me em suas contra-propostas

Mesmo inocente tento encontrar palavras de desculpas
E não consigo encontrar respostas
Plausíveis que possam inocentar-te de suas culpas.

Faço dos versos a minha estrada
Faço de ti o meu sonho
No peito amor, tristezas e mais nada.
Desperto com o semblante tristonho

Sem saber que você faz caso das lágrimas que choro
Lanço minhas vontades no pó
Penso em desistir desta luta, volto a mim e mais uma vez imploro.
Que não me deixes só

Em meio a todo este lamento e desespero
Que me deixa assim tão angustiado
Tentando descobrir qual foi o meu erro
Será que foi ter te amado?

Se eu não sentisse este sentimento
Meu peito não seria mutilado pelas dolências desta solidão
E seria poupado de todo este descontentamento
Perdoe-me por ter te amado sem pedir permissão.

Marli Bionaz

Marli Bionaz se descreve como “Sempre Súdita da Coroa Italiana”, ainda que atualmente esteja inativa. Irmã de Josivaldo Herrera Bionaz participou da fundação da família Bionaz. Também foi fundadora e presidente da *Associação Feminina de Micronacionalistas*.

É por suas mãos que chegou até nós a maioria dos textos desta antologia. Criou, em 2010, junto com seu sobrinho Felipe Bionaz, o periódico literário *Verso & Poesia* e preparou uma página na internet onde manteve a maioria do acervo.

Na página do *Verso & Poesia* manteve dois poemas de sua autoria, ainda que no fórum da revista no Reino da Itália, onde postava o sumário das novas edições, esteja registrado que ela escreveu muito mais. Acredito que, uma vez que a própria Marli até hoje é a administradora do portal da revista, estes outros poemas foram “excluídos” de propósito, cabendo aqui o respeito a essa opção da poetisa por não os incluir. De temática bucólica, flutuam entre a redondilha maior e o octossílabo, sempre à procura de um ritmo que mantém a leitura agradável.

A chuva

Vejo a chuva lá fora,
Que cai tão fina e mansa.
Vejo a chuva lá fora,
Que é tão constante e suave.
E parece que canta e dança...

Será que ela sente que vai
Por solo, por rios e mares?
Será que ela sente e vai
Tão suave a cantar e dançar?

Se ela sente, não sei,
Mas sei que eu quero ir,
Cantar e dançar assim,
Constante e suave assim
Ser fina e mansa assim,
Cair lá fora também...

Sonho...

Feliz,
Sonhei que estava voando
Sobre uma vasta floresta.
Sem me conter eu desci
Aos pés das antigas árvores
Tantos sons ali eu ouvia
Distantes... diversos...
A folhagem seca cobria
O chão daquele lugar.

Por entre as folhas secas
Eu vi tão linda e vibrante
Uma flor olhando pra mim
E dançava embalada ao vento
Leve que ali festejava
Então voei até ela
Senti seu aroma suave
Sorrindo a flor me convidava
A provar da sua doçura

Satisfeita eu voei e voei
Levemente eu desci e pousei
Sobre suas macias pétalas
E senti do néctar o gosto
Da vida brotando em mim
Naquele momento acordei
E de sobressalto me vi
Jazida no meu jardim,
Feliz...

Sua Graça Felipe Bionaz, Barão d’Aosta

Felipe Bionaz é um dos “eternos” súditos italianos, que mesmo quando não está ativo no micronacionalismo, vira e mexe, faz uma visita aos antigos familiares e amigos do hobbie.

Felipe chegou à Itália em maio de 2010, um pouco antes dos atuais membros ativos mais velhos da família: Marlon e Neimar Bionaz. Adotado por Marli Bionaz, depois de alguns anos assumiu o patriarcado da família. Enquanto ativo na comunidade italiana teve intensa participação no reino nas áreas de cultura, esportes e política. Foi reconhecido como Barão da Aosta, a casa e sede da família Bionaz, onde dirigiu uma ativa comuna.

A sua obra poética marca bem aquilo que foi apontado por mim no prefácio deste livro: duas fases distintas entre o momento em que a publicação era feita e controlada pela Marli, em um blog, e outro em que passa a ser apenas de postagens em fórum. Na primeira fase, versos livres e poemas muitas vezes contraditórios. O núcleo dos temas girava em torno do sapiencial (dicas, conselhos e aforismos) e do familiar. Na segunda fase, a partir de 2014, a morte toma uma posição central na obra que também passa por uma alteração prosódica, se tornando mais sonora no ritmo e nas rimas.

Pai

Nosso melhor amigo
Em qualquer hora,
Qualquer lugar.
Seja a hora triste ou alegre,
Pai é para isto.

Aconchego nas horas ruins,
Compartilhando as dores e alegrias.
Em qualquer momento ele está lá,
Para te dar apoio

Até mesmo para te repreender,
Pois é um “emprego” do qual não
Se pede demissão nem afastamento,
É pra vida inteira.

Vida

Vida,
É como um jogo,
Às vezes ganhamos, às vezes perdemos,
Mas temos sempre que estar,
Com os pés no chão,
Não somente olhando à frente,
Mas para trás e para onde estamos,
Para aprendermos com os erros e
acertos.

O Essencial

Há na vida três coisas essenciais,
Amor, Família, Amizade.

Com amor, você se conforta, sente-se
querido,
E se ampara.

Com Família, você se sente acolhido,
Sente-se bem.

E com Amizade, você dá e recebe
alegrias.

Mas a maior alegria é VIVER.

Coração Maltratado

Com o coração maltratado,

Você se sente um trapo,
Acha que o mundo
Seria melhor sem você,

Sem a sua companhia.

Com o coração maltratado,

Você anda sem rumo,
Com um vazio somente preenchido,
Com algo que nunca é achado,
Somente conquistado,
E esse preenchimento é simplesmente,
O Amor.

Chamo-te

Chamo-te, quando preciso de ajuda,
Pois sem tu só sou metade.
Chamo-te, quando estou desesperado,
Pois você é meu conforto.

Chamo-te, quando não acho saída,
Pois você é minha luz.
Chamo-te, pois quero tua companhia,
Pois sem ti não vivo.

Liberdade

Seja livre,
Manifeste seus desejos,
Suas alegrias e tristezas,
Dores e fraquezas,
E acima de tudo liberte-se.

Não somente liberdade física,
Liberdade mental,
Fale o que nunca teve coragem,
Conte suas aventuras,
Grite o que te faz se sentir mal,
Pois o tempo de censura acabou.

Ande, ande a lugares onde nunca
andou,

Sinta o vento, a brisa do verão,
Corra para se sentir livre,
Sente-se e pense o que irá fazer após.

E nunca se sinta oprimido,
Pois alguém irá ajudá-lo,
Porém liberdade não é coisa,
De se negociar, pois escravidão,
Não existe mais.

Amor Perfeito

Amor perfeito é aquele que aconchega,
Que você sente alegria,
É aquele que quando você sente,
Não quer mais largar,
Um amor lindo,
Sem fronteiras,
É o sentimento mais forte,
E profundo que alguém já sentiu,
Este amor aqui descrito é o,
Amor de mãe.

Material, espiritual

Tudo aquilo que é material,
Um dia vai embora.
Seu carro, sua casa.
Quando morremos não levamos
Dinheiro ou outras coisas.

Mas o espiritual é diferente.
Lembranças.
Aquela pessoa querida
Você não esquece.

O conhecimento,
A sabedoria, isto
Ninguém tira,
Ninguém rouba, pois isso,
É para a vida e para depois dela.

O pior sentimento

O pior sentimento,
Faz você se achar o lixo,
Um lixo sem valor,
Algo inútil,
Coisa que nenhuma sociedade,
Deste ou de outro mundo querem.
Este é o sentimento de quem tem
Uma deficiência.
Mas existe um jeito de superar:
Os braços da família e de amigos,
Eles transmitem um sentimento único:
o amor.

Conquistas

Você só conquista algo com esforço,
Tentando, tentando,
Até conseguir

Pois não adianta fazer corpo mole,
Por que não irá adiantar,
O problema não irá desaparecer

Se esforce ao máximo,
Treine, estude,
Só assim será bem sucedido,
Nesta vida tão traiçoeira e ardilosa,

E ao mesmo tempo,
Tão cheia de emoções e surpresas,
Você conquistará dependendo de seus
esforços,
E conquistas.

Paciência

Paciência,
Virtude humana,
Que hoje precisa ser usada,
Pois atualmente na vida,
Existe muito estresse,

E exercer a paciência,
Hoje em dia,
É obrigação se você quer
Conviver bem com todos a sua volta.
Então, como diz o ditado,
“Tenha santa paciência”.

Olhe a sua volta

Olhe o que está a sua volta,
A criança brincando,
A pessoa chorando.
Observe os mínimos detalhes,
No rosto, na expressão.
Irá descobrir um mundo novo,
No qual você pode perceber,
O que ninguém sabe se olhar
Sem vontade.
Preste atenção no que faz e pensa,
Pois no mundo em que você vive,
Pode significar muito.

Cansei...

Cansei da Impunidade deste mundo.
Cansei da Preguiça
e falta de compromisso que anda
imperando.
Cansei de Fazer pelos Outros.

Cansei de Ver os outros definharem sem
Reação.
Cansei de Pensar pelos outros
e ser o culpado de Tudo.
Cansei de VIVER pelos outros.

Mãe

Mãe, o ser humano perfeito;
Cuida, ama, é a perfeição;
Mãe é a fortaleza onde tudo começa;
A mãe cuida de um filho
Com zelo e ternura.

Quando se trata de força
para proteger um filho;
A mãe ganha de leões, leopardos e onças;
Somente para proteger
Seu maior tesouro.

Poema sem título (11 Jan 2014)

Ao manso toque, frio e sem vida;
Que altera linhas invisíveis que se trocam;
O tic e o toque;
Do tempo que maltrata;
Do tempo que destrói;
Do mesmo tempo que ama;
Do tempo que constrói.

Abstracionismo em uma visão tortuosa;
A flor, oh rosa;
Cercada de tão belos espinhos e rodeada de pútrido perfume;
Ele escuta o tic;
Ele sente a morte num aspirar;
Ele sente o toque;
Ele sente a morte o levar.

Ser Humano

Na batida dos grilhões metálicos;
Contra as paredes de pedra bruta;
Os prisioneiros iniciam a labuta;
Oh falha bruta da ordem de SER HUMANO.

Em filas eles se prostram diante de seu transtorno;
E inicia-se uma jornada em uma única direção sem retorno;
Com dores no pescoço e no lombo;
Oh falha bruta de PARECER HUMANO.

Na saída do breu dominante um véu parece constante;
Poeria, carvão, e talvez um diamante;
Não, se revela só mais delírio de uma mente outrora brilhante;
Oh falha bruta de ENSANDECER HUMANO.

Pedras e lascas de ferro voam pelo espaço;
A mineração de ideias começa, mas lhe falta a ternura de um abraço
Ele pode até mesmo sentir falta da sua menina, do seu laço;
Oh falha bruta de ENDURECER HUMANO.

O dia sem volta termina;
Ele passa na mesma estrada, onde um ferreiro sua espada lamina;
E ele não é mais o mesmo sábio que um dia julgara ser;
Fora escravizado pela força de tentar viver;
Oh falha bruta de PERECER HUMANO.

*Três sonetos**

Morrendo: A Progeniê

A mancha ondulante o ciclo infinito.
Barítono uníssono, insolúvel.
Soa inspirado porém não soa sensato.
Ouvi nas nuvens, frases de sensatez.

Contemplai para si o próprio grito.
Pensamento dúbil apareceis.
És você mesmo conclusor de atos?
Em sua alma minha culpa plantarei.

Abre para si seus maiores medos.
O assassínio do escuro temerá.
Jogue luz nos seus tênues segredos.

Por um colar na alma, sangrará.
Que morra por vossos próprios engodos.
Enforcado na mágoa, sofrerá.

Morrendo: A Liberação

A desolação provém do escuro.
Em meio ao acre doce escuro, choramos.
A mente repudia viver no impuro.
Fracassar é saber que não lutamos.

Assombrações que lhe fazem perecer.
Retorno ao ilúcido na vã ilusão.
De perenemente voltar a ser.
Qualquer um, correndo em breu, escuridão.

Só me desespero como um alento.
Cravado no peito uma rosa em chamas.
Que em mim não arde, nem dói, um sentimento.

Lembro-me somente de quando sai.
A libertação é o ápice do enfronte.
E junto ao inesperado agonizei e sucumbi.

Morrendo: O Inexpugnável

Iniciamos a nossa existência esvaziado.
Saber que a terminamos melancólica.
Melancolia alma do desesperado.
Uma sensação de escuridão diabólica.

Fraquejei diante de tal visão.
A força pelo escuro me domina.
Minha morte como contemplação.
Enfim o sofrimento termina.

Minh'Alma é eterna energia refulgente.
Vou persistir pela entropia pessoal.
Persistirei ao final do conseguinte.

Meu desejo ensandecido é conhecer.
Exaurir do oculto o culto da morte.
Serei como as sombras e nelas permanecer.

** Os três sonetos foram propostos pelo autor como “uma reflexão que se estende em mais três sonetos”. Por isso, preferi mantê-los como “unidade” poética.*

Macro Escuridão

O negro envolve cada partícula. Tudo é o mesmo.
O negro se transformou em cor absoluta.
O negro se inquietava. O Universo vaga ao esmo.
O negro se transmutou. Saiu de sua gruta.

Ardiam em brasas. Os olhos em paixão irresoluta.
Ardiam em brasas. Ao longe só se via uma silhueta diminuta.
O negro deixava de ser o negro. Fogo negro, luta, sonha como um íntegro.
O negro lutava, para ele doía. Mas agora não mais era o Negro.

Clarão de fogo-fátuo. Amais uns aos outros.
Clarão de fogo-fátuo. Por que chorais?
Clarão de fogo límpido. Eu lhe amo, diferente de como a outros astros.
Clarão de fogo límpido. Ve estas luzes? Vem até mim, elas são reais.

Sopravam as cinzas. O coração do pulsar se esvaiu em belo.
Sopravam as cinzas. Olhava acima os astros antigos, rogando pelo reacender.
O vento renovou o antigo. Cada partícula de cinzas se unia como um novo elo.
O vento renovou o antigo. Os milênios diários nos ensinam a reaprender.

O negro em cinzas, o negro recomposto.
O negro se mescla ao esmo do Universo sendo os dois o mesmo ser.
O negro, porém, agora era algo diferente, era duplamente composto.
O negro e as brasas. Uma mesma alma, sejam eles onde estiver.

Espalhando-se na Morte

Pequena batata quando nasceste.
Bela e alva como a lua no seu periélio.
Ramas, a jovem batata espalhaste.
Esse é o início a jornada ao cemitério.

Sua queridíssima progenitora.
Que com gestos afáveis em emanção.
Impõe suas mãos, brilhando na aurora.
Reluzindo seu amor pelo coração.

Despindo-se do exterior manchado.
Se torna um objeto claro e perfeito.
Mal sabe o futuro a que está tachado.

E seu corpo estará destroçado.
Sob o fogo ardente do inferno em óleo.
É frito, seco, e enfim degustado.

Dores do Amor Glorioso

Amantes queixastes tuas dores.
Dores em plumas, dores como pedras.
Simplesmente se dói, cubra-lhe de amores.
Salte o pudor, quebre todas as regras.

Apazigue a raiva se em fogo ardente
Seja sua água, o esfrie, o deixe sonhar
Mas alimente o fogo em uma paixão quente
No ar, ou em mar, nós desejamos amar.

Se tiverdes amado numa dor
Certamente o amarás por toda vida
Pois um amor na dor entra em flor

Se tiverdes amado numa rosa
O proteja com todo seu furor
Futuro em relação maravilhosa

O Inverno está Chegando

Os meus dias não vem sendo frios.
Estou ansioso ante a chegada do rei.
Servir ao monstro se faz um martírio.
E no início do frio, inverno, esperei.

Com a iminência da chegada real.
Tantos o cultuam, mas eu lhe odeio.
Seu calor, será apelação e é surreal.
O meu anseio é freia-lo com meu arreio.

Guturais, gritos, sufocações.
Onde está o meu inverno? Minha morada.
Perdi a esperança, em lamentações.

Explodam o Rei Sol, feliz ficarei.
Eu sempre o disse, o Inverno irá Chegar.
Abaixo do Ar-Condicionado, esperarei.

As Indecisões da Loucura

Esse meu pensamento revoltante.
Por que eu só sinto isso, maldito ódio!
Alguém, cale essa dor incessante.
Meus lamentos, sim, cairão no ócio.

Eu não sei porque mas quero gritar.
Não há como expressar essa barbárie.
Perdi até mesmo o desejo de clamar.
Humilhação e dor de toda espécie.

Eu já até mesmo perdi minha alma.
Meu ínfimo corpo insuficiente.
Meu espírito conhecerá a calma?

Creia em mim, pois eu sei que vou vagar.
Do início do céu ao fim do inferno.
Mas, ah, eu sei que hei de te achar...

Devaneios de um Pobre Andejo

Jogado nessas areias a tempos.
Quebrado com uma pífia força.
Jogado pela força dos ventos.
Quebrado junto da minha carcaça.

Eu vagueio, enlouqueço, no leste.
Minha cabeça está revirada.
Mais parece que Alea Jacta Est.
Que essa minha sorte esteja lançada.

Joguei um dado com a própria vida
Colhi esses resultados após a morte
Será que vale a pena essa tal dívida?

Enlouquecer é o meu caminho
Viver vale a dívida de se sofrer?
Quando não se sente mais o carinho...

O Som do Silêncio

Ouçã o tecer dos sons, o fio de vozes,
que compõe em seu leito um pequeno vórtice.
A coorte de pequenas notas primazes,
emudece o mundo, e do silêncio toma-se em cálice.

Sentir-se uno com o som do silêncio
estar como em par com sua absoluta abstinência
na paz resoluta, mas a essa paz renuncio.
O mundo não pode se valer dessa condescendência.

Pulem em conjunto com as flores que nos aprazem,
exaltem o perfume de nossos amores
a muito perdidos, mas não esquecidos. Amem.
A covardia de viver no silêncio, nos faz espectadores.

Protagonizem a vida que lhes foi dada.

Um mar de sofrimento

Mergulhei no fundo de seus olhos
e vi nas profundezas da solidão um pesar,
onde por vezes percebi murmúrios e brilhos
hoje o que vejo é simplesmente o amargar.

E dentro desse mar quieto
me sentia como algo vil,
que da tristeza e no dejetos
me alimentava dentro desse sujo covil.

Mas oh menina desses olhos cor d'água,
eu partirei daqui assim que se libertes das amarras
que a prendem, não há cura conhecida para a minha existência ambígua
pois hora desejo que seja feliz e hora desejo que sofra.

Mas acalme-se e não se iludas,
as suas lágrimas esperam seu sofrimento
para que as liberte, pois estamos exauridas
da dor. Por favor, moça, nos derrame em seu leito.

Abismo

Cada passo que damos em direção ao abismo
é cego e sem esperança, e também sem intenção,
o brio que nos guia é falho e acompanhado de sadismo,
não culpe somente suas falhas, culpe seu coração.

Um passo a mais, e a brisa quente do que é o final
sopra mais forte do que nunca. O outono chega perto,
e antes que ele chegue não haverá mais um ideal.
Respire. Inspire. Deixe seu coração aberto.

Se houve um momento em que pensaste em desistir
lembre-se do que te sustentas e renove as forças,
um ser necessita de luzes para existir
não deixe o abismo lhe tecer mordanças.

Sua Alteza Líryan Lourdes Kawsttryänny Umbria, Duquesa d'Avola

Líryan desembarcou em Palermo junto a Sua Majestade na fundação do reino, de quando a gens *Peregrina* deixou Hibernia.

Percorreu os mais variados cargos políticos dentro do reino da Itália atuando como Senadora e Magistrada Maior. Também foi a cabeça da Comuna de Avola por muitos anos. Encabeçou vários projetos culturais no reino e era presença frequente em debates e bate-papos sobre os mais variados assuntos filosóficos e políticos.

Se aventurou a produzir prosa com textos de teor gótico e contribuiu algumas vezes para o projeto *Verso & Poesia*. Seus poemas refletem percepções íntimas sobre a realidade social que cercam a poetisa, tanto no contexto macro quanto no contexto micro. O léxico foi escolhido de tal forma que ainda que não haja uma grande preocupação quanto ao ritmo sejam mantidas uma fluidez e uma sonoridade que tornam seus poemas muito agradáveis.

Se espera

Se espera,
E a esperança de esperar corrói a alma.
É o tempo,
E o seu tormento singular.
Não é a vida,
Um jogo de esperas plácidas

A esperança.
Um jogo,
Seu tormento,
Corrói a alma
Singular
Plácida

Se espera,
É o tempo!
Não é a vida.
Esperar corrói a alma
Tormento singular
De esperas plácidas

Cansada desta vida em prosa

Tão cansada desta vida em prosa
De tantas letras frias que corroem a vida
E das palavras frívolas que corrompem a alma
Sem sonetos, tercetos, nem sequer quartetos.

Há fastio, prosa imunda!
Vertido sobre o toque opaco que ofusca a vida
E se debruça, visceral, sobre o sangue que corre da alma
Sem pudor, horror, ou sequer fervor.

Aborrecida com esta prosa tola
De tantos homens que não fazem vida
E dos teus atos frios que desfiguram a alma
Sem talento, pincéis, nem sequer rabiscos.

Só tédio, prosa porca!
Construído com o riso torto que afoga a vida
E se derruba, proposital, sobre o braço que estrangula a alma.
Com louvor, vigor e algum torpor.

Tão desanimada desta vida sem poesia
De tantos atos frios que corroem a vida
E dos pensamentos frívolos que corrompem a alma
Sem talentos, intentos, nem sequer contentos!

Fatigada deste tempo e desta vida

Tão cansada, desta vida e desta ira

Dos olhos dos homens que choram lágrimas
E das lágrimas das mulheres que choram homens

Do sangue que goteja e umidifica a alma
Que esvai em soneto de fumaça calma
E corrói, a sensatez causando-lhe trauma

Esgotada de tantos gritos e tantos choros

Dos atos dos homens que não são animais
E das pernas das mulheres que se abrem demais

Da crueldade sórdida que encera a face
Que desdenha na pele qualquer impasse
E destrói, o riso por menos de um passe

Tão fatigada, deste tempo e desta vida

Pelo ar

Pelo ar
O som travestido de movimento
Como que o tempo houvesse parado

A pulsação
O momento sem som
A falta de gosto

No ar
Que infla os pulmões
A ausência do tempo parado

A cor
Um momento estático
A falta de tempo

Vai o ar
E a ausência travestida de sentido
Por um tempo que não passa

Em um canto

Sou aquilo em um canto.
Em um canto qualquer!
Em qualquer canto...

À sombra que cai sobre o ponto
Um ponto qualquer
Perdido em um canto

Num canto qualquer
Quieto e escuro
E que esqueçam do canto

Poema sem título (25 Out 2013)

É noite, e as gotas de chuva escorrem nos vidros
Passo pós passo
E as luzes noturnas tremulam

As pessoas se movem sem sentido
Sem olhar o som à sua volta
E dirigem, sem ritmo
Preocupadas apenas com o que há na bolsa

Não dormem, nem gostam de espelhos
Não pensam, não leem, não gizam
Mas esperam, de novo e de novo!

E o alvorecer se faz próximo
Gota após gota
Em nuances de luzes tremulantes

Lá estão as pessoas sem sentidos
Não cheiram, sem gosto, nem toque
E acordam, com pressa
Despreocupadas com o que houve nos sonhos

E esperam, de novo e novamente
Sem pensar, sem gostar, sem provar
Sem mover, sem mudar, sem andar

Poema sem título (15 Dez 2013)

A corda
O nó!
Amarro
Desfaço

A voz
O som!
Grito
Calo

A pedra
O talho!
Ninfa
Deus

A morte
O pó!
Ossos
Terra

A vida
O sonho!
Céu
Inferno

Poema sem título (29 Ago 2014)

Todo perdão agrava os erros,
E nas chances desperdiçadas os fracassos
Impossível é o amor, que quer resistir ao tempo

A vaidade da saudade
Em sua rotina sufocante
A manutenção do medo
Mantendo um destino desconfiado
Se casa com a insistência da crença em Deus

Das horas gastas, o tempo perdido
Os sonhos frívolos planejados para aquietar
A alma morna, a esperança
No suspiro o olhar opaco
Crer em si, ou crer em Deus?

Toda vida agrava a morte,
E nas tentativas de viver,
De concreto só a morte, que caminha junto ao tempo

Poema sem título (15 Ago 2015)

Brasil terra do ódio
E dos que adoram odiar
Nestas terras só há ódio
Odiando por todo o lugar

Brasil terra do ódio
E dos que adoram odiar
Quem puder correr que se vá
Quem não puder se esconda

Aqui se odeia o gato, o cão, o educar...
Polícia odeia polícia, civil e militar
O povo odeia o povo e adora odiar
Na política colocamos, odiadores num altar

Se odeia o imigrante, transeunte, Orixá...
Homem odeia mulher, em qualquer lugar
Se ódio vendesse ao quilo
O povo não carecia trabalhar

Brasil terra de ódio
E dos que amam odiar
Nestas terras só há o ódio
Odiando por todo lugar

Aqui se odeia o ar, a cultura, o falar...
Estudante odeia estudante, pobre e particular
A mãe odeia o filho que aprende a odiar
E na política sempre colocamos, odiadores num altar

Se odeia cafetão, prostituta, militar...
Homem odeia mulher, em tudo que é lugar
Aqui o ódio tem nascente
O povo não se cansa de odiar

Brasil que é só ódio
Feito dos que só sabem odiar
Nestas terras só há ódio
É o que temos no lugar

Brasil terra do ódio
E dos que vivem de odiar
Quem puder que se esconda
Quem não puder, que se vá

O uivo

As crias da noite uivam
Violentas e bestiais
Sob a lua, ou nas noites mais escuras
Uivam alto e forte
Uivam claro e limpo

Nas noites de chuva
Nas noites sem lua
Uivam as crias da besta
E respondem aos uivos
As crias menores

As crias da noite uivam
Bestiais, violentas!
Sob o manto, ou nas noites de quarta
Uivam limpo e claro
Uivam forte e alto

Nas casas de esquinas
Nos apartamentos sem ruas
Uivam os filhos do ódio
E respondem os uivos
Os filhos menores

As crias da noite uivam
Mortais e ferozes
E de seus uivos ouvimos, Cruzeiro
Galo
Grêmio!

Sua Alteza Neimar Bionaz, Príncipe de Treviso

Em 03 de julho de 2010 Neimar Bionaz começava sua vida como micronacionalista.

Seus títulos falam por si só sobre a grandeza de Neimar para a história recente da lusofonia: Grão-Mestre da Ordem de Malta (como Gerardo II), Príncipe de Treviso, Barão de São Simeão em Zadar, Croácia, Império Alemão, Cavaleiro Grão-Cruz da Ordem de Palermo, Comendador da Ordem Italiana da Atividade Micronacional, Comendador da Ilustríssima Ordem do Cisne, Império Alemão, Cavaleiro da Ordem do Leão de Ouro - Nova Inglaterra, Cavaleiro da Soberana Ordem Imperador Carlos Magno - Reino da França e Cardeal Arcebispo de Reims-Paris - Reino da França. Tem imensa participação política e social no Reino da Itália, já tendo passado por vários cargos com grande competência. Também foi patriarca da família Bionaz.

Sobrinho de Marli Bionaz sempre se dispôs a participar como pudesse nas atividades de membros da família. Escreveu uma série de poemas que giram em torno de um assunto universal: o amor. Escolheu versos livres e fez diferentes experiências durante o tempo em que produziu poesia. Também fez uma tradução, que aqui posto.

Se a vida fosse um sonho...

Se a vida fosse um sonho
meu desejo seria jamais acordar
e fazer das dores
pequenos detalhes;
detalhes que não destroem
esse lindo sonho...

É... um sonho, uma utopia,
onde viajo em pensamentos
e busco grandes razões.
Razão e vontade de viver,
de vencer,
Mas vencendo com aqueles que amo.

Os desencontros
seriam as pontes que me
conduziriam para realização
de meus desejos.
Esse sonho
seria repleto de sorrisos
e as lágrimas e todo o choro, doença, dor,
seriam desconhecidas.

As estrelas iluminariam
minha existência
e com seu brilho me banharia
de esperança e amor.
Se a vida fosse um sonho
a esperança sobreviveria ao tempo.

Se a vida fosse um sonho...

O amor é inesgotável

O amor existe, é semente de vida feliz
Seu dinamismo renova os corações
Ele é gesto apontando para novos caminhos
É mão afável acariciando o pequenino.

O amor é pão na mesa da partilha
É água viva no aconchego da família
É ponte benfazeja que une terra e céus
É benção de paz que vem de Deus.

O amor caminha nos passos do peregrino
Circula nas veias de quem acredita
Que é possível tornar o mundo bem melhor
Só o amor ilumina o caminho escuro da dor.

O amor é criança, é jovem, é adulto
É vida vivida, partilhada, doada
O amor é sentido e razão ideal de ser
É sonho e luz de um novo amanhecer.

Amor é dom que não se pode vender
É rocha firme que o vento não vai derrubar
É simplicidade que não se pode esconder
É centelha de céu que se deixa tocar.

O amor é música suave que vem do além
É pipilar da águia que voa livre no ar
É sombra que o sol no chão nos faz ver
Onda gigante que o surfista espera no mar.

O amor é nuvem densa que passeia no céu
Fecunda os corações quando começa chorar
O amor é encanto, qualquer coisa assim
Surpresa indizível, inesgotável, sem fim...

O amor é experiência que todos queremos
Caminho que conduz na direção da paz
É elo forte que nos une à fonte da vida
Mistério e segredo que não morre jamais.

O teu amor é meu abrigo

Adoro ver
Nos teus olhos
O brilho das estrelas

O teu sorriso
verso e poesia É o carinho
Do meu coração

Não penso mais
Em sofrimento
Nem vou temer
A solidão

O teu amor
É meu abrigo
Minha proteção.

Sonhar

O que é sonhar?
Pensamento, ilusão, desejo...?
Vale pouco diante da realidade,
E do verdadeiro gosto do seu beijo.

Quem não sonha, ou pensa,
Ilude-se, ou deseja?
Mas melhor é se realizar
Naquilo que acredita e veja.

Eu vejo um amor profundo
Que acredito ser sincero
E igual, não haverá outro neste mundo
É o que penso, sonho e espero.

Sonhe, sonhe sempre
Se possível, sonhe acordado também,
Mas quando acordardes real
Que seja verdadeiro o que sonhei.

Eu e a noite

Mais uma vez só
Sempre só,
Eis-me aqui,
Contemplando a noite.
Em sua imensidão penetro,
A brisa fresca acaricia meu rosto.
E, aqui estou mais uma vez só.
Lembranças,
Saudades,
Sonhos e utopias,
Tristezas e algumas alegrias
Aos poucos se achegam,
Tornam-se minhas companheiras.
E a noite com suas estrelas.
Eu, com meus sentimentos e solidão.
Ela busca o brilho das estrelas
Eu busco a felicidade.
As estrelas se ofuscam,
A felicidade se perde
No espaço e no tempo.
E, aqui estamos nós,
Eu e a noite
À procura do que desejamos
Ambos perdidos
Em busca do encontro

A Vida

*(La vita de Biagio Arixi traduzido por
Neimar Bionaz)*

Os dias passam felizes,
tristes acontecimentos já vi
Verso e Poesiate fazem sonhar
e ainda quero andar junto.
Memórias distantes fazem você se
alegrar
e gostaria de ouvir
a doce carícia
e sempre reviver a emoção.
Mas agora, você está velho e, não pode
fazer isso, rir e correr novamente,
você só precisa apenas de algo infinito:
vida!

Improviso

Poesia
Nostalgia
tia Marli
quem fazia.

Saudades
quantas habilidades
só na Itália
quanta amizade
muita atividade.

Meu Deus! O que será de nós?!

Você seleciona palavras...
Eu vou em busca dos sentimentos.
Quão louca é a vida e seus caminhos,
Que passei a sentir menos
Cada vez mais...

Sua Graça Marlon Bionaz, Conde de Assis

Cheguei a Itália no final de julho de 2010. Havia passado um tempo por uma micronação no Orkut, uns meses meio perdido no Reino da França, até que desembarquei na Itália.

Já tive participação política por quase todo cargo possível pelo Reino da Itália, exceto a Magistratura. Estou ativo ainda em política e esporte, sempre tentando também separar algum espaço e tempo para cultura.

Não posso falar sobre meus próprios poemas, por isso convidei meu irmão, Sua Alteza Neimar Bionaz, que diz o seguinte: *Marlon Bionaz através dos versos traz leveza e simplicidade ao cenário cultural italiano. Os temas abordados denotam esperança, tranquilidade e doçura...*

Bolha de sabão

Quero uma alma Pequena,
uma Alma arredondada
Leve,
sempre despreocupada.

Quero uma alma breve,
sublime e luminosa,
que nasça no seu lábio
que morra na tua face.

Quero ser mais um,
não almejo ser o último
que nasça de seu lábio
que desfrute de seu fôlego.

Quero a alma que voa,
sem ter pra onde voltar
Breve,
feita de água e ar.

Primavera

O inverno se foi.
As montanhas estão rindo.
As campinas estão cheias de felicidade

A bebida

Estou farto de beber
desta bebida sem graça
fraca e comum.

Não quero mais esquecer
Do dia que foi uma desgraça,
Não quero me perder no rum.

Só quero meu amor
e seus beijos quentes.
Só quero curtir
a sua boca, os seus dentes.

Ao seu lado some o terror,
do seu lado eu não quero sair
por isso não quero beber
só basta você pra me perder.

Poema da felicidade frustrada

Há dias e dias
na vida cumprida.
Há vias e vias
na estrada cumprida.

Alguém me guia?
Alguém me vigia?
Espero que não.
Vida vadia.
Com certeza não.
Vida vazia.

Os bons momentos passam tão rápido!
Clamam por eternidade,
se dissipam nas luzes da cidade.
Que triste! Que complicado!
Quanto quanto mal bocado!
Vêm os maus momentos debochando
da vida e da minha felicidade!
E se ficam, ficam demorando.

Cantiga de Amor

Meu Deus, mais um dia de sofrimento
De meu amor não esqueço um momento.
Seus cabelos e sua formosura,
Fazem-me chorar de grande amargura:
De tê-la tão longe mesmo tão perto,
Dum destino triste mui solitário.

Meu Deus, mais um dia eu não aguento
Carregando no peito o sentimento.
Sentimento que meu amor despertou,
Sentimento que nenhum outro passou:
Por ela tão grande e puro, puro amor.
Ficar longe dela é grande aflição.

Seu olhar divinal tocou meu coração,
E a ti dedico toda minha afeição.
Sabe Deus quanto mais quero te louvar
Mas não posso deixar disto lamentar:
De tê-la tão longe mesmo tão perto,
Dum destino triste mui solitário.

Doce, doces

Que linda, que linda!
Viva paz infinda!
Doce calma, linda calma.
Encontrou descanso minh'Alma.

Eu vim de um caminho solitário,
cheio de lágrimas e tristeza.
Ao teu lado fica pra trás!

Você não sabe que bem me faz,
com este olhar de tamanha pureza!
És o meu porto seguro, diário.

Oh doces momentos nos teus braços!
Doces palavras, doces carinhos!
Esse seu jeito, esse teu sorriso!

Por você eu faço isso:
deixo meus medos pra trás, sozinhos.
Quero contigo, trocar mais que abraços!

Que linda, que linda!
Viva paz infinda!
Doce calma, linda calma.
Encontrou descanso minh'Alma.

Canção do futuro

Altissonantes como pássaros,
uma após a outra,
canções sobrevoam a pátria italiana:
É alegre a melodia das cidades e dos campos,
a vida ficou melhor, a vida ficou mais alegre!

Cantando, o país avança unido,
Cantando, ele forja uma nova sorte:
Se você der uma olhada,
até o sol está mais radiante!
A vida ficou melhor, a vida ficou mais alegre!

Saiba, Majestade,
estamos todos de prontidão!
Não cederemos um palmo
de atividade ao inimigo:
Nossos pais e filhos tem a força!
A vida ficou melhor, a vida ficou mais alegre!

Toda a imensa Itália,
quer dar um grito ao Rei:
"Obrigado, Querido!
Viva longos anos, que nada o acometa!"
A vida ficou melhor, a vida ficou mais alegre!

Altissonantes como pássaros,
uma após a outra,
canções sobrevoam a pátria italiana:
É alegre a melodia das cidades e dos campos,
a vida ficou melhor, a vida ficou mais alegre!

Teu calor, minha luz

Por muito tempo guardei calor em meu coração
O máximo da Minha devoção, para guiar meus sonhos:
Quando me virei, entre todos os sorrisos, eu finalmente encontrei meu lugar.

Sejam coisas felizes ou coisas triviais,
Vamos falar aos nossos afoitos corações sobre qualquer coisa:
Somos livres para fazer o que quisermos até o sol se pôr.
Enquanto estivermos juntos, também amanhã fará sol.

Iremos encontrar algo precioso nesses dias comuns,
Uma luz quente que brilha sobre nós através das árvores e dos prédios.
Até desaparecer em trevas com horas marcadas para desaparecer,
Ao teu lado.

Sonhos

Os sonhos são abundantes por toda a cidade.
Quando estiver se aconchegando na sua cama,
Apenas sintá-se verdadeiramente abençoado.

Aprecie este momento enquanto ele durar,
Aceite qualquer coisa que venha a acontecer,
Porque o dia quase sempre é um tanto difícil,
E a noite nunca é longa o suficiente para quem precisa descansar.

Diálogo no Limbo

- Como viver a minha vida? Eis a questão.
- Isso não é o mesmo que "morrer"?
- Não é! Eu não quero pensar na morte. Eu não quero viver assim.
- Mesmo que você não queira pensar nisso, todo mundo morre um dia.
- Eu só não quero pensar muito sobre a morte. Eu não quero deixá-la ocupar a minha mente.
- Mantendo a morte sempre distante e não pensar sobre isso, isso é o mesmo que evitar os olhos da morte.
- Não, isso é...
- Se você deixá-las sozinhas, as coisas se quebram e os seres vivos morrem. O mundo está a caminho da destruição, então pensar sobre a própria morte é uma questão sem importância.

Estrela cadente

No desejo, um sonho que parece distante,
Com uma esperança que chegue hoje,
Diante da noite iluminada pelas estrelas,
Tolos sonhadores voltam seu olhar
À espera de uma estrela cadente.

Mas, e se essa estrela não está para chegar,
Seus sonhos se tornarão em nada?
Quando o horizonte escurecer,
Nós precisamos manter alguma esperança.

Há algum anjo da guarda olhando por mim, de perto?
Pode existir alguma luz-guia que estou prestes a ver?
Sei que meu coração devia me guiar,
Mas há uma lacuna em minha alma.

O que irá preencher este vazio dentro de mim?
Estou prestes a ser satisfeito sem saber?
Desejo, então, por uma chance de contemplar,
Porque tudo que eu preciso, desesperadamente,
É a chegada da minha estrela.

Despedida - 2013

Não me deixe partir, minha querida.
Já não tenho mais forças, bem sei,
Mas ainda quero ficar,
Em meio aos seus braços:
Abraços.

Não me deixe partir, minha querida.
Já não tenho pra onde ir: Resisto.
Mas você me expulsa,
Pra longe, sem prantos:
Acenos.

Não me deixe partir, minha querida.
Me prenda em seu coração: Existo.
Mas você já não me escuta,
e já elegeu outros encantos:
Partido.

Escobar Falcomer Bórgia, Raphael Soares Aldobrandeschi e Victor Marinho Aldobrandeschi

Estes três súditos nos brindaram com apenas um poema. Especialmente Raphael Soares Aldobrandeschi sempre foi um frequentador do fórum do Verso & Poesia, sempre enviando poemas de poetas macro.

Ele teve uma vida ativa muito intensa no reino, ocupando vários cargos políticos e participando de atividades esportivas e culturais. Os outros dois, infelizmente, permaneceram pouco tempo entre nós.

Seus poemas são marcados também pela subjetividade do eu-lírico, também em versos livres, demonstrando uma preocupação muito mais visual do que sonora com seus textos. O poema de Escobar mantém também uma velada crítica social.

Bandido com espinhas - Escobar Falcomer Borgia

Vi um jovem ser preso
exposto ao público para julgamento
imundo e assustado a culpa do mal sobre a cabeça
crime motivado pelo desespero
lusitano que me levou o ouro manchado de sangue
veja só o que o fez

Amor e decepção? Um poema faço então! - Raphael Soares Aldobrandeschi

O encanto se desfez
O céu ficou sem cor
Não sei como viver
Pois perdi o meu amor

Me sinto arrependido
Por não ter conseguido me expressar
Mais saiba que o meu amor
Para sempre contigo estará

Fiz tudo o que pude
Pra poder te namorar
Mas você escolheu outro
E isso me fez chorar

E esse pobre poeta
A quem você magoou
Saiba princesa
Pela primeira vez
Chorou por amor

Com estas palavras
Tento ao menos expressar
Que o meu amor por você
Para sempre viverá

Em um mundo com problemas - Victor Marinho Aldobrandeschi

Em um mundo com problemas
sempre se tem solução
entretanto, nem sempre procuramos esse caminho
por mais que seja nossa salvação.

Em um mundo com problemas
podemos até brincar
entretanto, as vezes brincamos de mais ou de menos
e assim, esquecemos de lutar.

Em um mundo com problemas
sempre fugimos da responsabilidade
com medo de represálias e esporros
e assim perdemos nossa liberdade.

Em um mundo com problemas
o medo é normal, entretanto, ele nos consome
e somos tomado de tanto medo que esquecemos de objetivos
e assim, para recuperar o tempo perdido lutamos como animal.

Em um mundo com problemas
a solidariedade não é comum
você só pensa em você mesmo
e esquece de como é bom se tornar incomum.

Por fim...

Em um mundo com problemas
problemas são constantes
problemas são tolerados
e infelizmente problemas são amados.

Leonardo Borgia

Leonardo Borgia não ficou muito tempo na Itália, mas durante sua passagem teve uma relevante atividade política e cultural, tendo se envolvido em mais de um projeto nesta área.

Na obra que publicou toda no fórum do Verso & Poesia, ele chegou quando a primeira fase já havia terminado, esbanjou erudição produzindo uma poesia extremamente intertextual. Por isso a linguagem varia muito: Quando a referência é a Goethe, mais rebuscada, quando a Freud, mais solta. É um eu-lírico extremamente diverso, e por isso nunca entediante.

Alienação

Pensei que haviam me ouvido. Pensei que eu havia me ouvido. Há apenas um zumbido que me incomoda. Não há lugar onde estar. Pensei que ainda podia ver. Pensei que ainda podiam me ver. Ora, não é que me vejo? Todos à volta, todos sou eu. Tanto eu, que espanto! Mas, sinto-me estrangeiro por essas terras. São me essas terras forasteiras, e eu exótico à mim. Como tanto estou aqui, e ainda nada é esse mundo para mim?

À Drummond

Escrevo na confluência
Daquilo que me é apresentado
Com minhas inda não calejadas mãos
Que não podem ter o Sentimento do
Mundo.

Esse mundo que se reúne
Apenas para um verdadeiro congresso
Diário, interminável.
Que é o do medo da vida, de si, e da
Morte.

Esse mundo infindo
De história inacabada
Onde entrou até, J. Pinto Fernandes
Já te aceitou, sem dúvida, mas sem
Certeza.

Suponho que esteja feliz
Eu é que não posso estar
Manhattan ainda de pé
O mundo, não menos
Caduco.

Saco de Valpúrgis

A bruxa demoníaca
Pressagia a Noite
A noite tão arcaica
Arcaica tal a Morte

Santa Valpúrgis, vê teu dia
Teu dia caído em heresia

O Demo, ele próprio
Sangra o mundo em fel
E todos ao opróbrio
Arremessa como infiel

Santa Valpúrgis, vê teu dia
Enveredado em blasfema orgia

De Brocken escorre rubro
Na noite da Santa d'Alemanha
A corrupção que descubro
Ofende a Dame de Bretanha

Em teu dia, Santa Valpúrgis
O céu tinge-se em gris!

A Horda d'Oriente

Aos Refugiados de todo o Mundo

A horda... da morte correm...
Correm já da sorte
De tragédias... que transcorrem...
Pr'outrem são comédias!
Pois sofrem... de alma vazia...
Vazia em nobreza,
Pois à eles... egoísmo aprazia...
Já, jazia a honradez!

Em terras... inesperadas...
Inesperadas, até
Por aqueles... de manchadas...
Manchadas histórias!
Mas... o de moral vencedor...
Vencedor!? Embuste!
Embusteiro... não vê dor...
Ditador infeliz!

Sonho Corvino

Delicia-te na imensa volúpia
Sob o grão pecaminoso arrebol
Ignora, despreza — a triste súplica
Zomba, ri-se — da já amarga fúria
Nos mares distantes, e sem farol,
Dos caros prazeres da flor hedônica

Aqui, em meu livre meio bucólico
Esqueço a ti, e a teus pesares
Nos bosques acolhedores — és nada
Inda que seja meu sono — etílico
São-me eles, essências salutares
P'ra curar a paixão esfacelada...

Deitado sob alto campestre arbol
Empoleirou-se só, em minha face
Pássaro da morte — corvo negro
Crocita, corveja — infernal rol
Segue-se o brilho fatal da foice
É quando desperto só e já lembro...

Ó, sugestivo oniro corvino!
Obsequiaste a mente sofredora
Com o escape indolor — da coita
Tua resposta — apraz-me o destino

Pois, que é a morte? É sonhadora
Dama, ora negra, ora alva q'açãoita!

C'aguardente nas mãos medito só
Sob luzes d'abajur lúgubr'e rútilo
A taça de crânio — não é só Byron
Entrego-me, inda vivo — ao pó
Que me leve logo a meu asilo
E que rubro marque eterno cânon!

Caminho desatento às frias trevas
No tétrico, só que não todo sonho
Ó, resignado — de trôpegos passos!
Arrastando alma — morta nas relvas
No bosque do meu intimo medonho
Ó, o pântano dos corações falsos!

Agora que penso de mente lúcida
Vejo meus delírios — já condenado!
Mas a'ura do Anjo, está já vívida

O catão Anjo da Morte, tão próximo
Olha o que tu fizeste — a nós!
Mas, é pilhéria! Libertemo-nos!

Nocturno Tempestuoso

O vento sibila
A água inunda
O breu, é lá fora
Mas, almas afunda
Soçobra o homem
Na terra imunda

O Anjo da Morte
Carrega a noite

Rasgando as faces
'Nocentes c'o Éolo
Matando fugaces
Ideias, delírios
Das mentes mendaces
Na noite soturna

Ó, Anjo da Morte
Que traz-nos a Noite!

O mais doce enjoio da vida!

Amargo
Mal-educado peito
Odioso coração esquecido
Rancoroso íntimo olvidado amador

É que não poderia ser contingente!

Necessidade é fazer
Àquele sentimento, a dor
Uma vez que seja
Se mesmo que vitorioso
E amado, como troco do amador
Ah! Mas, seria bom demais!

O poeta Maiakovski

O choro das crianças
Você não ignorou
Igualou-as à infantes e delfins
Que choram por iguais motivos
Só que menos frequente
No berço púrpura
Que você não viu

A dor dos comuns
Você não ignorou
Pois, sabe que é a dor
Dói a todos, em iguais razões
Só que para a gente do martelo
Um pouco mais
E isto você viu

Só que não se viu
Ignorou-se
Martirizou-se
Pobre Vladimir
Que chorando diferente
Por dores diferentes
Choros e dores de poeta

Deu-se cabo,
enfim.

O Freud

Do tipo psicótico
Que ele um dia tratou
Com seus famosos charutos
Que iam-se 27 por dia
Com cores, que
Ele nunca usou
E a espessa barba branca
Que o consagrou
Vi o Dr. Freud
Em uma parede muito longe da Áustria
Nos remotos do Tatuapé
Em que nasci
E vivia a ouvir
"Leo, precisa de um analista!"
Acho que o encontrei
Enfim, eu disse,
"Ó, grafite psicanalista, fruto d'algum
Ego,
sincronia c'o Id, rechaçando o Superego,
te encontrei, podes me
Analisar?"

As Três Senhoras do Sofrer

Em três colos, descansa o sofrer
É com Euterpe, adormecido
Mas, é então que vem um tolo ver
Nos termos de Calíope iludido
Com toda a glória que tem ouvido
Porém, não tarda a jovem Erato
Que lhe fará num amante caído
Implorando, já cego e sem tato
— — Tolo... ante o mais cruel triunvirato!

As minhas Quimeras

A Gerard de Nerval

As quimeras, assaz loucas, mas lindas
Que Nerval criou, zonzaiam, tão vivas
Por todos os lados, como as dádivas
Celestes de Jove, inda não findas

Todo canto, pintam vida e morte
Que, de fato, circundam nossas almas
Pois não sabia? São os mais vivos traumas
A enjaular, a tirar-nos o norte

Então, brada Júpiter:
"Doudas Quimeras minhas, já libertem
homens de caráter!"

Todos, permanecem
Ainda enjaulados, só temendo a
Morte e a Vida.

Os Brados do Povo

É às margens plácidas
Q'espera o heroico povo
"Agora, libertas!"
Bradam, pelo mundo novo

Ó, bravos guerreiros
Conhecemos os grilhões!
Sus! Sus! Brasileiros!
Vencei as nossas missões!

Pois, a vera hora
Trará nossa liberdade!
Adeus ao facínora!

Enfim livre a beldade
Terras brasileiras
Já expulsas as sujeiras!

O Poeta de Pau d'Arco

À Augusto dos Anjos

A sua rubra hemorragia entérica
Reversa torrent d'ordem natural
É q'encharca a massa encefálica
Caótico respingando ao Mal

É em suas palavras frias e blasfemas
É em suas heresias mais grotescas
Que debocha — sim! às almas enfermas
Munido só de suas vistas dantescas

Ele, nada angelical Augusto,
Faz ainda sangrar os velhos ídolos
Profundos nos círculos odiosos

E, ó! Ei-lo o desprezo augusto!
Dando ombros e suspiros aos frívolos
Cadáveres, há muito verminosos!

Cesare Borgia e Aghata Borgia

Estes dois antigos súditos da Itália tiveram uma passagem marcante pelo reino ao longo dos anos.

Cesare participou ativamente da vida política, fundando partidos e participando do Executivo e do Legislativo. Participava em mais de um projeto de cunho cultural, igualmente. Viveu um tempo em Pathros. Aghata se dedicava com afinco à diferentes projetos culturais, nas áreas plástica, poética e musical.

Ambos acompanhavam e postavam vários poemas de diferentes autores no Verso & Poesia, mas deixaram apenas dois de sua autoria. Os poemas de Cesare tratam de sentimentos íntimos do eu-lírico, sem se preocupar com a forma como eles seriam expressos. Já Aghata buscou uma forma mais refinada e também nos presenteou com um poema em italiano.

E o passeio? - Aghata Borgia

Ali passei, respirei fundo
Quase gritei, mas perdi o ar
não tinha nuvem, só céu azul
um encantamento, o que sera?

É só um passeio por um tempo
e que tempo, o que se perdeu
pela vida, foi um passeio
você e eu...

Você a poesia e eu a escritora
que malfeitos versos
são só palavras
ta tudo inverso

São palavras ao vento
mas é só um passeio
pelo literato
tão ingrato
tão insano
tão profano
e aceita?
Só um passeio?

Poema sem título (27 Set 2015) - Cesare Borgia

Não sou um poeta mas escrevo meus versos
dispersos
diversos
restritos.

Quando assim faço
falo do que sinto
do que cheiro
por vezes do verdadeiro
por vezes minto.

Então, sou um outro
sou ninguém sendo alguém
que faz versos
sem saber ao certo
o que é de fato errado.

Assim, falo de tudo
das flores nos velórios
da roupa dos simplórios
ou do armário antigo que tudo guarda
que são apenas poucas coisas.

Há encanto no mínimo dizer
mas do máximo significar
na forma de usar palavras
para significar um pouco mais
além daquilo que está escrito.

pioggia - Aghata Borgia

Piove fuori
intensamente un sogno evapora
e non serve pensare
che il tempo è generoso
perché non c'è pietà.
E 'giusto pensare
la pioggia è più pio
rispetto alla vecchia momento.
Non importa ,
sono i sogni di un tempo
tornando dalla forma devastante
senza chiedere il permesso ,
come accidenti invasore
poi pioggia e lavare le nostre anime.

O único contato que resta - Cesare Borgia

O nome do assunto pode estar parecendo publicidade, mas na verdade é a realidade. Não pretendo rimar, nem tenho mais o desejo de errar, quero simplesmente poder te amar.

Desculpas não podem apagar a mágoa, mas podem aliviar a culpa.

Meu orgulho eu já não tenho, foi tirado com meu lamento.

Sim! Eu lamento, por chorar e fazer chorar, por esquecer o riso e nos colocar em risco.

As vezes somos obrigados a olhar para trás e perceber o risco de viver com uma mão na frente e outras atrás.

Penso que será assim se você, sem cor nem amor, apenas dor e um futuro assustador.

Nasci sem você, saberia viver sem você.

Mas nasci sem saber amar e aprendi a amar apenas com você.

Agora preciso decidir, viver sem você e sem amar ou viver com você e amar você?

Uma fogueira precisa ser alimentada para não apagar, se ela se apagar, a culpa não cairia naquele que tem a obrigação de colher a madeira e sim em todos que viram a chama diminuir e não se preocuparam em fazê-la sorrir.

Nosso amor é uma fogueira, com calor e chamas acesas, ela não se apagou, mas diminuiu o fulgor.

Agora esclareço de uma vez por todas, te amo, com rima ou sem rima, eu te amo.

Sua Graça Lucas Bionaz, Barão de Lecce

Lucas Bionaz, dopo alcuni anni fuori dal micronazionalismo, è rientrato nel Regno d'Italia a metà del 2017. Attualmente si dedica al lavoro pastorale nell'Arcidiocesi di Treviso, amministratore della Parrocchia Santa Maria Madalena.

Padre Lucas è molto attivo nella cultura italiana, attraverso la Reale Accademia di Geografia e la Pontificia Accademia di Musica Sacra, entrambe con sede a La Maddalena. Ha ricevuto il titolo di Barone di Lecce, per i servizi resi alla cultura e alla Corona d'Italia.

IO AMO LE ROSE

Io amo grandemente le rose!
Sono in grado di ubriacarmi con il suo profumo.
Anche se supporto le spine.

Ma sarò davvero in grado di vivere tiepidamente?
Cosa manca per sentire la completezza nell'anima?
Perché sento questo vuoto nel mio petto?

Sono convinto di che solo le rose non riempiono l'anima.
Ho bisogno di atteggiamenti; ho bisogno di forza.
Ma agire da soli non è possibile.

Ho bisogno di trovare l'acqua pura, venuta da una fonte pura.
Solo chi ha qualcosa può donare.
Solo in Dio l'anima mia trova riposo e forza!

Io amo le rose; ma le rose, da solo;
sono come un corpo senza anima;
puoi essere bello ma non c'è vita!

